

*Representações literárias de uma “guerra invisível”: a década de 1990 na Argélia**

Vera Lucia Soares**

Ao longo da década de 1990, a Argélia esteve mergulhada em um terrível conflito interno que, segundo as estatísticas oficiais, causou a morte de mais de 100 mil pessoas. Mas que tipo de conflito foi este? Poder-se-ia dizer que o país esteve em guerra durante este período? Como definir um conflito que, na verdade, nunca foi declarado nem nomeado, que foi velado aos olhos externos pela censura e pela própria violência contra intelectuais e jornalistas e cujos atores principais procuravam esconder os rostos atrás das barbas ou das máscaras de ninjas? No entender do historiador Benjamin Stora, foi uma “guerra invisível”,¹ uma guerra marcada pela opacidade de suas origens, natureza e objetivos.

No que diz respeito ao início do conflito, faz-se sempre menção à data de 11 de janeiro de 1992, quando um golpe militar cancelou o segundo turno das eleições legislativas, para impedir uma provável vitória dos fundamentalistas islâmicos, cujo partido – FIS (Frente Islâmica da Salvação) – obtivera a

* Artigo recebido em fevereiro de 2004 e aprovado para publicação em abril de 2004.

** Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal Fluminense.

¹ Benjamin Stora, *La guerre invisible: Algérie, années 90*, Paris, Presses de Sciences Po, 2001.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 17, pp. 105-127

maioria esmagadora dos votos no primeiro turno, realizado em 26 de dezembro de 1991. Mas, na verdade, as primeiras manifestações de violência na Argélia independente começaram com as rebeliões de outubro de 1988, em Argel, contra o autoritarismo e a repressão de um partido único – FLN (Frente de Libertação Nacional) – que detinha o poder desde a independência do país, em 1962. Pressionado, o governo resolveu realizar um plebiscito para referendar algumas mudanças na constituição, como a instituição do pluripartidarismo, a supressão do papel dirigente do FLN e a liberalização da economia. Apesar desta tentativa de abertura do governo, o período entre 1989 e 1991 foi marcado por uma série de incidentes graves, provocados sobretudo pelos militantes do FIS, culminando com a prisão, em junho de 1991, de seus dois principais dirigentes, Abassi Madani e Ali Benhadj, acusados de incitar a população a uma greve geral.

Não se pode negar, no entanto, que o conflito armado se tenha instaurado definitivamente a partir do golpe militar de janeiro de 1992, quando, então, se multiplicaram os enfrentamentos entre os militantes do FIS, revoltados contra a anulação das eleições, e a polícia, que, por ordem do governo militar, empreendeu uma verdadeira caça aos ativistas do partido, cuja dissolução seria anunciada oficialmente alguns meses mais tarde. Mas seus militantes continuaram a agir na clandestinidade e outros grupos favoráveis à luta armada se formaram, como o GIA (Grupo Islâmico Armado) e o MEI (Movimento do Estado Islâmico). E, em pouco tempo, a violência se disseminou por todo o país. As vítimas dos atentados já não se encontravam apenas entre os representantes das forças diretamente envolvidas no conflito, o governo militar e os grupos islâmicos, mas também entre os diferentes setores da população.

Embora o governo argelino e seus aliados, ao se referirem ao conflito, falem sempre dos “acontecimentos” terríveis que ensanguentaram o país, qualificando-o simplesmente de “luta antiterrorista”, Stora considera que, diante de um conflito com mais de 100.000 mortos anunciados oficialmente, parece difícil não se pronunciar a palavra *guerra*. Mas também admite ter dificuldade em defini-la, porque, atrás desta guerra política entre militares e fundamentalistas islâmicos, se escondem outras guerras decisivas e confusas: lutas de poder, questões religiosas e sociais, interesses econômicos internos e externos e uma tradição de violência que marcou a história do país desde a época da colonização francesa. Por outro lado, na medida em que eram argelinos que matavam argelinos e em que as operações levadas a cabo, seja pelos

grupos fundamentalistas, seja pelas forças de segurança, tinham a dimensão de atos de guerra, este conflito teve características evidentes de uma guerra civil. Mas, para Stora, um fato é indiscutível: esta foi uma “guerra contra civis”.²

A violência indiscriminada contra a população foi aumentando gradativamente, ninguém mais era poupado. No período entre 1993 e 1995, os alvos principais dos grupos fundamentalistas foram os intelectuais argelinos (escritores, médicos, professores, universitários) e os estrangeiros que começaram, então, a deixar em massa o país. Logo em seguida, várias nações ocidentais fecharam suas embaixadas na Argélia, as grandes companhias aéreas, como Air France, Alitalia e Ibéria decidiram suspender os vôos para aquele país e as principais agências de imprensa estrangeiras chamaram de volta seus correspondentes. Os jornalistas foram outro alvo da violência que se instalou no país. Além de sofrerem atentados por parte dos fundamentalistas (muitos foram assassinados entre 1994 e 1995), também foram vítimas das medidas de censura, decretadas pelo governo, que impôs, em junho de 1994, um verdadeiro embargo às informações: por decisão dos Ministérios do Interior e da Comunicação, em relação a ações terroristas e subversivas, a mídia deveria restringir-se a divulgar apenas os comunicados oficiais. Com isto, estendia-se um véu sobre a Argélia, escondendo-a dos olhares externos. Impedidos de exercerem plenamente seu trabalho, os jornalistas e os repórteres pouco puderam registrar dos massacres e dos atentados.

Mas os ecos das atrocidades que ocorriam quase diariamente rompiam muitas vezes as barreiras da censura e as fronteiras do país, chegando até a mídia internacional, como o massacre no vilarejo de Bentalha, na noite de 22 para 23 de setembro de 1997, que vitimou – segundo testemunhas locais – 417 pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, embora pelo levantamento oficial o número de mortos tenha sido de 98. Aliás, o ano de 1997 foi marcado por uma série de massacres em diversas cidades ou vilarejos, durante os quais famílias inteiras foram mortas a golpes de machado ou decapitadas.

O que sempre intrigou os argelinos e a opinião internacional desde o início desta “guerra” foi a falta de reação por parte das forças militares de segurança, cuja passividade alimentou, em diferentes ocasiões, a polêmica sobre sua responsabilidade nestes terríveis acontecimentos. Uma matéria, publicada em 24 de março de 1994 pelo jornal *Le Monde* e intitulada “Noite islamita sobre a Argélia”, ressaltava, já no subtítulo, este imobilismo do go-

² *Ibid.*, pp. 13-15.

verno: “As violências se multiplicam e a angústia se instala, mas a classe política demonstra um surpreendente imobilismo.” E o final do texto fazia uma clara especulação sobre o possível significado desta passividade:

Este imobilismo persistente, unanimemente observado desde 1º de fevereiro pelos partidos de oposição – inclusive pelo FLN, ex-partido único dirigido por Abdelhamid Mehri – advém de uma tática ‘*maduramente refletida*’, como alguns asseguram com ar de entendidos, ou, mais simplesmente, de uma impotência geral?³

Sobre o massacre de Bentalha, Tariq Ali vai ainda mais longe na polêmica sobre esta não intervenção das forças de segurança durante os ataques impetrados supostamente pelos grupos fundamentalistas:

Os massacres na Argélia são horrendos. São somente os islamitas os responsáveis? O que aconteceu em Bentalha, 16 quilômetros ao sul de Argel, na noite de 22 de setembro de 1997? Quem trucidou os quinhentos homens, mulheres e crianças daquela cidade? Quem? O francês que sabe de tudo, Bernard-Henry Lévy, tem certeza de que foram os islamitas que perpetraram esse fato pavoroso. Então por que o exército negou armas à população para se defender? Por que disse à milícia local para ir embora naquela noite? Por que as forças de segurança não intervieram quando viram o que estava acontecendo?⁴

Indagações deste tipo também são feitas pelo argelino Nesroulah Yous, um sobrevivente desta noite de pesadelo, em seu livro-testemunho, *Qui a tué à Bentalha?* (La Découverte, 2000).

Tais questões permanecem, no entanto, sem resposta, porque a história desta guerra ainda não foi escrita. E como escrever a história de uma guerra sem nome, sem imagens, sem rosto, não declarada, ou seja, de uma “guerra invisível”? Para Benjamin Stora, ao historiador restam sempre possibilidades para contornar as barreiras da censura visual e da autocensura. Poderá recorrer aos testemunhos e à palavra dos atores, à leitura atenta das obras de ficção, ao cinema ou ao romance. Mas Stora também considera que, em uma

³ Catherine Simon, “Nuit islamiste sur l’Algérie” – Les violences se multiplient et l’angoisse s’installe, mais la classe politique fait preuve d’un surprenant immobilisme, *Le Monde*, 24/3/1994, p. 4: “Cet immobilisme persistant observé depuis le 1er février par les partis d’opposition – y compris le FLN, l’ex-parti unique dirigé par Abdelhamid Mehri – relève-t-il d’une tactique “mûrement réfléchie”, comme certains l’assurent, d’un air entendu ou, plus simplement, d’une impuissance générale?”

⁴ Tariq Ali, *Confronto de fundamentalismos*, trad. Alves Calado, Rio de Janeiro, Record, 2002, p. 424.

época de propagação desenfreada de imagens visuais (sobretudo pela televisão), não deixa de parecer paradoxal o fato de o historiador se ver obrigado a voltar às boas velhas fontes tradicionais para tentar escrever a história que se está vivendo.⁵

O aporte da literatura

Se as imagens visuais deste conflito foram pouco representativas, os relatos escritos se multiplicaram ao longo dos anos noventa. É grande o número de autobiografias, testemunhos e sobretudo ficções, publicados por argelinos residentes em sua maioria na França, que dizem o horror de uma tragédia vivida.

Levados a exilar-se por razões várias (interesses profissionais ou particulares, perseguições, censuras), estes autores passam a integrar a categoria dos que o escritor indo-britânico, Salman Rushdie, chama de “homens traduzidos”,⁶ homens que, como ele, vivem no “entre-dois” e são obrigados a negociar e a traduzir continuamente entre as culturas e as línguas que os habitam. É, portanto, a partir deste “entre-lugar” e sob uma dupla perspectiva, pois se situam ao mesmo tempo dentro e fora de suas sociedades, que estes exilados argelinos vão produzir uma literatura de caráter eminentemente político, transformando sua escritura em voz coletiva, voz que inscreve esta guerra na ordem do existente, do possível, do crível.

O papel desta literatura será primordial no sentido de dar uma certa visibilidade a esta guerra, porque, ao expressar o vivido, a face oculta da intimidade, da solidão, da emoção – tudo o que está para além do real imediato – permite o desvelamento do que Régine Robin chama de “zonas de sombra da memória oficial e da memória coletiva”,⁷ constituindo-se, assim, em uma fonte bastante rica para o historiador que se propõe a interrogar “os esquecimentos e os silêncios da história”.⁸

Na verdade, o grande aporte do texto literário está na (re)construção da memória. Mas a (re)construída pela ficção, e que Régine Robin chama de

⁵ Cf. Benjamin Stora, *La guerre invisible*, op. cit., pp. 117-118.

⁶ Salman Rushdie, *Patries imaginaires*, trad. A. Chatelin, Paris, Editions 10/18, 1993, p. 28.

⁷ Régine Robin, *Le roman mémoriel: de l’histoire à l’écriture hors-lieu*, Montréal, Preamble, 1989, p. 67.

⁸ Jacques Le Goff, “Memória”, *Enciclopédia Einaudi*, v. 1: Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional, 1984, p. 13.

“memória cultural”,⁹ se caracteriza pela fragmentação, pela dispersão. É uma memória construída de forma artesanal, juntando migalhas recolhidas, de um lado, nas próprias imagens da memória oficial e, de outro, em relatos familiares e experiências individuais e coletivas, em lembranças esparsas de um tempo vivido. Potencialmente polifônica, a memória cultural encontra no gênero romanesco seu espaço maior de realização, o que se explica pelas características pluriestilísticas, plurilíngües e plurivocais deste gênero literário, largamente estudadas por Mikhail Bakhtin.¹⁰ Ao utilizar unidades estilísticas heterogêneas, o gênero romanesco dá forma a uma diversidade de linguagens, discursos e vozes sociais, permitindo, assim, que se diga uma coisa e seu contrário ou que se ponham em dúvida os absolutos de toda espécie.¹¹

O objeto deste estudo é justamente a construção da memória cultural ou, ainda, as representações literárias desta “guerra invisível”. E, como *corpus* para minha leitura, escolhi duas novelas de Leïla Sebbar e um romance de Latifa Ben Mansour, ambas escritoras argelinas radicadas na França, cujas narrativas se configuram em um “entre-lugar” de construção, representação e invenção de memórias.

As novelas de Leïla Sebbar: memórias de uma cultura de guerra

Em 1996, Leïla Sebbar publica *La jeune fille au balcon*, uma coletânea de novelas que recria a memória de uma cultura de guerra, presente hoje no imaginário argelino, e que começou a ser construída e transmitida desde a época da conquista do país pelos franceses, no século XIX.

A primeira delas, que dá título ao livro, se passa em Argel, mais precisamente, em um de seus bairros, Kaboul, descrito no texto como um bairro *quente*, onde as pessoas arriscam a vida a cada dia. A novela começa com uma frase lacônica – “Ouve-se uma explosão”¹² – seguida da descrição da reação de pânico das pessoas: gritos, correria, portas e janelas trancadas às pressas. Desta forma, a narrativa prepara o leitor para o clima de tensão que percorrerá toda a trama.

⁹ Régine Robin, *Le roman mémoriel*, *op. cit.*, pp. 56-57.

¹⁰ Mikhail Bakhtin, *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*, 4ª ed., trad. Aurora F. Bernadini *et alii*, São Paulo, Unesp/Hucitec, 1998.

¹¹ Cf. Salman Rushdie, *Patries imaginaires*, *op. cit.*, p. 451.

¹² Leïla Sebbar, *La jeune fille au balcon*, Paris, Seuil, 1996, p. 7: “On entend une explosion”.

A novela conta a história de Mélissa, uma jovem que se arrisca todos os dias, subindo ao terraço da casa para ver o que se passa na rua, apesar da proibição de seus pais que temem que ela seja atingida por uma bala perdida ou algum coquetel Molotov. É justamente através do seu olhar que nós, leitores, acompanhamos o desenrolar dos acontecimentos. “Do terraço, Mélissa vê tudo”¹³ – diz o texto. Na verdade, vê apenas o que acontece nas ruas vizinhas, mas esta visão microscópica da personagem nos permite construir uma imagem do cotidiano vivido pela sociedade argelina naquele momento.

E o que vê Mélissa do terraço? Os muros do bairro cobertos de grafites e, ao longo deles, os mesmos rapazes de sempre, que passam aí o dia todo, conversando, sem nada para fazer. Mas quem são estes jovens?

Desempregados entediados, eles desistiram de procurar trabalho, não deixam mais o bairro nem a cidade, como se alguém tivesse que vir buscá-los na casa de suas mães para empurrá-los para a aventura. Abandonaram tudo, os pequenos bicos no porto, o mercado negro (...) Eles estão cansados, tentaram partir, ainda estão por aqui. Resignados para sempre, é, como eles dizem: o *dégoûtage*.¹⁴

Muitos destes jovens, cuja falta de perspectiva é tão bem descrita no texto de Leïla Sebbar, acabam sendo aliciados pelos grupos fundamentalistas com promessas de mudança de vida. Em seu estudo sobre o desenvolvimento do islamismo radical em vários países árabes, Abderrahim Lamchichi considera que, sendo este fenômeno em parte produto das situações de miséria e de marginalização causadas por crises socioeconômicas, seus movimentos vão justamente recrutar militantes e simpatizantes no seio das populações jovens, que vivem na precariedade e na revolta contra um sistema que não lhes proporciona nenhum bem-estar. No caso específico da Argélia, onde a população triplicou depois da independência, a juventude concentra, segundo Lamchichi, um dos principais problemas desta sociedade: cerca de dois terços dos desempregados estão na faixa de 15 a 24 anos, e grande parte deles está ainda à procura de um primeiro emprego. A falência do sistema

¹³ *Ibid.*, p. 19: “Du balcon, Mélissa voit tout.”

¹⁴ *Ibid.*, p. 20: “Des chômeurs qui s’ennuient, ils ont renoncé à chercher du travail, ils ne quittent plus le quartier ni la cité, comme si quelqu’un devait venir les chercher jusque chez leur mère pour les entraîner dans l’aventure. Ils ont tout abandonné, les petits boulots sur le port, le marché noir... Ils sont fatigués, ils ont cherché à partir, ils sont encore là. Résignés pour toujours, c’est, comme ils disent: le ‘dégoûtage’.” O neologismo *dégoûtage*, sem correspondência em português, expressa o sentimento de perda total de interesse por tudo.

educativo e a crise habitacional são dois outros fatores que atingem diretamente os jovens. Dividindo com a família numerosa o espaço de um apartamento minúsculo, geralmente em algum bairro pobre da periferia, estes jovens, sem esperança em um futuro melhor, parecem condenados à errância pelas ruas por falta de emprego.¹⁵

Esta novela de Leïla Sebbar mostra, no entanto, que, se muitos destes jovens se engajam como militantes em grupos fundamentalistas, outros continuam lutando, com outras armas, pela liberdade de ação e de expressão. Este é o caso de Malek, que faz da palavra, ou melhor, da poesia, sua arma de luta. Malek é um destes jovens que perambulam pelas ruas do bairro de Mélissa e que acaba se apaixonando pela moça do terraço. Entre eles se estabelece uma comunicação através de poemas e cartas que um joga para o outro. Malek escreve poemas de amor para Mélissa, que lhe responde com cartas, em que conta seus sonhos de felicidade. O rapaz também compõe poemas rebeldes. Faz parte de um círculo de poetas que escreve e envia aos jornais da cidade poesias atacando o poder e a mesquita. Justamente no final da novela, joga uma carta para Mélissa, em que diz que se estava afastando do bairro, porque desconhecidos tinham invadido o local de reunião do círculo, destruído tudo o que encontraram e deixado uma carta de ameaça de morte com o nome de todos. Mas Malek deixa claro que a luta deles continuará: “Eles abandonaram o Círculo dos poetas por algum tempo, se organizarão de outra forma, e escreverão, publicarão versos e versos, epopéias virulentas e sátiras com vitríolo”.¹⁶

Embora o texto não faça referência direta aos autores destas ameaças, o leitor subentende facilmente tratar-se de militantes ligados a grupos fundamentalistas islâmicos, já que os intelectuais e os artistas são alvos constantes de seus ataques. Inclusive, em um dado momento da narrativa, a realidade invade a ficção, ao se anunciar o assassinato, em 30 de setembro de 1994, na cidade de Oran, de Cheb Hasni, conhecido entre os argelinos como o príncipe do *rai*.¹⁷

¹⁵ Abderrahim Lamchichi, *Islam, islamisme et modernité*, Paris, L'Harmattan, 1994. Cf. principalmente os capítulos 7 e 8.

¹⁶ Leïla Sebbar, *La jeune fille au balcon*, op. cit., p. 53: “Ils ont abandonné le Cercle des poètes pour quelque temps, ils s’organiseront autrement, et ils écriront, ils publieront des vers et des vers, des épopées virulentes et des satires au vitriol.”

¹⁷ O *rai* é um gênero musical popular argelino, “uma música sensual e contagiante” que, por celebrar a liberdade, é considerada como “diabólica pelos fundamentalistas”. Sobre este assunto, cf. Khalida Messaoudi, *Une algérienne debout*, Paris, Flammarion, 1995, pp. 154-155.

Um clamor vem da rua. Méliça corre para o terraço. Ela ouve:

– Cheb Hasni morreu! Cheb Hasni morreu! Assassinado... Assassinado... Malditos sejam seus assassinos, malditos sejam eles... Cheb Hasni nosso príncipe morreu! (...).¹⁸

Do terraço Méliça vê jovens correndo em desordem pelas ruas do bairro e gritando os nomes de todos os assassinados recentes. Logo se forma uma grande manifestação que os ninjas, como são chamados os policiais, tentam dissolver, jogando seus *jeeps* sobre a multidão e atirando. Mas os jovens não se intimidam, enfrentam os ninjas com paus e pedras, fingem que se disper-sam para se juntarem mais adiante. E Méliça conclui: “Até a hora do toque de silêncio, eles não cedem. Eles irão todos ao funeral de Cheb Hasni que morreu para que eles vivam”.¹⁹

Esta novela reitera, de certa forma, a invisibilidade dos atores das duas forças que disputam o poder nesta guerra sem nome. A polícia militar é sempre representada pelos ninjas, conforme os descreve Méliça, que, do terraço, os vê circularem à noite pelas ruas do seu bairro:

(...) os Ninjas argelinos, noturnos, são ferozes, a gente não os vê. Eles patrulham a noite toda, vasculham os bairros à procura de islamitas (...) Usam máscaras negras, uniforme negro. Eles estão armados de fuzis e até o amanhecer ouvem-se os barulhos de seus Jeeps Patrol, os Jeeps da guerrilha urbana. Os Ninjas são diabos negros, dizem as crianças, que os desenham por toda parte. Méliça tem um sobressalto. Ela acaba de perceber um comando de Ninjas. Eles avançam dois a dois em direção a um imóvel do quarteirão (...) com a metralhadora apontada para o inimigo invisível, prontos para o ataque. Méliça espera um bom tempo. No momento em que vai deixar o terraço, ouvem-se gritos de dor ao mesmo tempo que tiros, metralhados sem interrupção.²⁰

¹⁸ Leïla Sebbar, *La jeune fille au balcon*, op. cit., p. 55: “Une clameur monte de la rue. Méliça court vers le balcon. Elle entend: - Cheb Hasni est mort! Cheb Hasni est mort! Assassiné... Assassiné... Maudits soient les tueurs, maudits soient-ils... Cheb Hasni notre prince est mort!”

¹⁹ *Ibid.*, p. 56: “Jusqu’à l’heure du couvre-feu, ils ne cèdent pas. Ils iront tous aux funérailles de Cheb Hasni. Il est mort pour qu’ils vivent.”

²⁰ *Ibid.*, pp. 36-37: “(...) les Ninjas algériens, nocturnes, sont féroces, on ne les voit pas. Ils patrouillent toute la nuit, quadrillent les quartiers à la recherche d’islamistes. (...) Ils portent des cagoules noires, un uniforme noir. Ils sont armés de fusils d’assaut et on entend jusqu’au matin les bruits de leurs Jeeps Patrol, les Jeeps de la guérilla urbaine. Les Ninjas sont des diables noirs, disent les enfants, qui les dessinent partout. Méliça sursaute. Elle vient d’apercevoir un commando de Ninjas. Ils avancent par deux vers un immeuble de la cité (...), le fusil mitrailleur pointé sur l’ennemi invisible, prêts à l’assaut. Méliça attend longtemps. Au moment où elle va quitter le balcon, on entend des cris de douleur en même temps que des coups de feu, mitraillés sans interruption.”

Da mesma forma, sempre que se referem aos islamitas, a mãe, o pai, as colegas de escola de Méliça falam dos “barbudos”, que atiram nas pessoas de dentro de um *Golf* negro, o carro preferido destes terroristas, segundo os personagens: “– Cuidado, eles podem voltar. Uma vez um *Golf* negro atirou, partiu como uma flecha, fez marcha à ré, feriu dois homens. Cuidado, minhas irmãs”.²¹

Mas, ao mesmo tempo em que insiste sobre o fato de estes atores nunca mostrarem seus rostos, o texto de Leïla Sebbar lhes dá uma certa visibilidade, ao colocar em cena a sua forma de ação e os sentimentos de pânico e repulsa que provocam na população. Além disto, a ficção mostra que, nesta “guerra invisível”, a violência não é em absoluto uma prerrogativa dos fundamentalistas, como querem fazer acreditar o governo argelino e os que o apóiam, ela está dos dois lados: “O inimigo, a gente não sabe mais onde ele se encontra, quem ele é”²² – diz a mãe de Méliça.

Esta novela também põe em evidência a relação intrínseca que a população argelina estabelece entre a guerra pela independência e a guerra atual, como se esta fosse uma repetição daquela, como se a maldição de uma cultura de guerra pesasse sobre o país. A título de exemplo, cito a passagem em que a mãe de Méliça conta ter visto, afixadas na porta da mesquita, as listas com os nomes dos condenados à morte pelos fundamentalistas e, imediatamente, se reporta ao passado, quando os franceses colocavam este mesmo tipo de listas na porta da prisão Barberousse.

– Passei diante da mesquita. Vi um ajuntamento. (...) Me aproximei da porta e vi a lista negra com os nomes. Procurei seu pai, ele não está na lista, quase chorei de alegria, mas as outras mulheres... Pensei no que minha irmã mais velha nos contou. Os nomes dos condenados à morte na porta da prisão Barberousse em Argel, as mulheres, as mães, as irmãs que viam o nome de um dos seus, sabiam que ele seria executado ao amanhecer, no pátio da prisão. (...) Era a guerra, e agora é de novo a guerra, em nossa terra, entre nós. Que maldição... Por que essa maldição sobre nós, os argelinos, por quê?²³

²¹ *Ibid.*, pp. 16-17: “– Attention, ils peuvent revenir. Une fois une Golf noire a tiré, elle est partie en flèche, elle a fait marche arrière, elle a blessé deux hommes. Attention, mes soeurs”.

²² *Ibid.*, p. 26: “L’ennemi, on ne sait plus où il se trouve, qui il est.”

²³ *Ibid.*, pp. 53-54: “– Je suis passée devant la mosquée. J’ai vu un attroupement. (...) Je me suis approchée de la porte, et j’ai vu la liste noire avec des noms. J’ai cherché ton père, il n’est pas sur la liste, j’ai failli pleurer de joie, mais les autres femmes... J’ai pensé à ce que ma soeur aînée nous a raconté. Les noms des condamnés à mort sur la porte de la prison Barberousse à Alger, les femmes, les mères, les soeurs qui voyaient le nom de l’un de leur, elles savaient qu’il serait exécuté à l’aube, dans la cour de la prison. (...) C’était la guerre, et maintenant c’est encore la guerre, chez nous, entre nous. Quelle malédiction... Pourquoi cette malédiction sur nous, les Algériens, pourquoi?”

Esta maldição de uma cultura de guerra é o tema central de outra novela da mesma coletânea de Leïla Sebbar, intitulada “L’Enfer”. A narrativa, aqui, circula entre diferentes momentos da história recente da Argélia, todos eles marcados pela violência: a época da primeira guerra mundial, o período dos primeiros movimentos de revolta contra o colonialismo, a guerra pela independência do país e o momento atual. Cada um destes tempos históricos é representado, na narrativa, por um membro pertencente a diferentes gerações de uma mesma família: um jovem de hoje, seu pai, seu avô e seu bisavô. Da mesma forma, as experiências destes personagens são reportadas por diferentes narradores. O tempo presente vivenciado pelo jovem tem dois narradores, um de primeira pessoa e outro de terceira. Já para narrar o passado, a autora se serve da voz feminina, recuperando o papel tradicional da mulher argelina, o de contadora de histórias. Assim, a época das revoltas coloniais e a da guerra pela independência são contadas pela avó do rapaz, e o período da primeira guerra, pela bisavó.

O texto se abre com a narrativa em primeira pessoa, na qual o personagem-narrador fala do silêncio do seu pai em relação à guerra de que participou e do seu próprio silêncio sobre um treinamento de guerra a que se vem submetendo: “Meu pai não me falou de sua guerra. E eu, eu não lhe disse nada. Ele não sabe nem saberá das minhas noites, dos meus dias, entre os exercícios de tiro e a prece, as lições políticas e os treinamentos”.²⁴

Como a novela “L’Enfer” está inserida nesta coletânea de Leïla Sebbar, que tem como tema central a cultura de guerra, presente no imaginário argelino, o leitor pode inferir que, na citação acima, o narrador talvez se esteja reportando à guerra pela independência e à atual, já que ambas têm o silêncio como um traço comum, mas esta hipótese só poderá ser comprovada bem mais adiante, porque há um corte na narrativa.

Deste primeiro parágrafo, situado no momento presente da narrativa, o texto recua no tempo e no espaço, remetendo o leitor para a infância do rapaz, vivida, em grande parte, na casa de seus ancestrais, em um povoado afastado da cidade. Nesta casa, segundo o narrador, existia e ainda existe a fotografia de seu bisavô, cuja história de bravura e glória lhe fora contada muitas vezes por sua bisavó, antes de morrer. Era sempre a partir desta foto que a bisavó

²⁴ Leïla Sebbar, “L’Enfer”, *La jeune fille au balcon*, Paris, Seuil, 1996, p. 125: “Mon père ne m’a pas parlé de sa guerre. Et moi, je ne lui ai rien dit. Il ne sait pas, il ne saura pas mes nuits, mes jours, entre les exercices de tir et la prière, les leçons politiques et les mises à l’épreuve.”

começava o seu relato sobre o marido, “um herói da guerra”, segundo ela. Pela narrativa da velha, o leitor conclui tratar-se da Primeira Guerra Mundial, quando a França recrutou um grande número de argelinos para combater em solo europeu. Muitos deles, 25.000 segundo Benjamin Stora, morreram em combate e os sobreviventes, embora condecorados pelos franceses, voltaram com uma imagem muito negativa desta civilização européia que conheceram de perto, o que vai acarretar uma mudança do olhar do argelino em relação ao colonizador e a si próprio, como explica Stora: “No imaginário dos argelinos, a guerra teve como conseqüência a perda de um certo sentimento de ‘inocência’ e a destruição da mitologia dos benefícios da civilização ocidental”.²⁵ Na novela “L’Enfer”, este desencanto com a Europa está implícito na narrativa da bisavó que, ao mesmo tempo em que ressalta a bravura do marido, chama a atenção para a morte de outros conterrâneos naquelas terras cobertas de lama, bem diferentes das planícies verdes que eram mostradas aos argelinos pelos franceses:

Ele era jovem (...) Depois da guerra, ele voltou, contou cem vezes, mil vezes, as batalhas, as mesmas (...) Era um leão, seus homens o amavam, eles eram quase todos daqui. Dois voltaram, e ele, com o braço cortado. Os outros, ele os deixou lá em cima, ele dizia lá em cima, mas não era o céu, era a lama nas planícies do país estrangeiro, muito longe, lá em cima, não sei onde. Ele tinha um velho mapa da escola, o professor, antes de partir, lhe havia dado este último mapa, usado (...) ele mostrava as planícies lá em cima, a lama não se via, no mapa as planícies são verdes.²⁶

A imagem negativa do colonizador é reforçada durante o relato da avó do rapaz que, anos mais tarde, lhe contará a história do avô. É também a partir de uma foto que a mulher inicia sua narrativa. Pode-se talvez interpretar esta recorrência à fotografia como forma de dar legitimidade aos fatos que serão narrados, tornando-os verossímeis. O relato da avó parte de uma foto de jor-

²⁵ Benjamin Stora, *Histoire de l’Algérie coloniale (1830-1954)*, Paris, La Découverte, 1991, p. 45: “La guerre a sur l’imaginaire des Algériens un effet de perte d’un certain sentiment d’‘innocence’ et de mise à bas de la mythologie des bienfaits de la civilisation occidentale.”

²⁶ Leïla Sebbar, “L’Enfer”, *op. cit.*, p. 127: “Il était jeune... Après la guerre, il est revenu, il a raconté cent fois, mille fois, les batailles, les mêmes... C’était un lion, ses hommes l’aimaient, ils étaient presque tous du pays. Deux sont revenus, et lui, avec son bras coupé. Les autres, il les a laissés là-haut, il disait là-haut, mais c’était pas le ciel, c’était la boue dans les plaines du pays étranger, très loin, là-haut, je sais pas où. Il avait une vieille carte de l’école, le maître, avant de partir, lui a donné la dernière carte, usée, (...), il montrait les plaines en haut du pays, la boue on la voyait pas, sur la carte les plaines sont vertes.”

nal que ela tira do fundo de um baú para mostrar ao neto. Nela se vê o corpo de um homem deitado, vestido como os montanheses e com um fuzil de caça ao lado. A lâmina de uma faca enfiada no seu peito indica que está morto. Acariciando a foto, a avó revive o passado como se fosse o presente, através de uma narrativa lenta, enxertada de descrições, impressões, preces, interrupções, idas e vindas no tempo, seguindo o modelo tradicional do relato oral, reconstruído pela escrita de Leïla Sebbar.

Em sua longa fala, a mulher se remete inicialmente ao tempo da colonização francesa, quando o marido trabalhava como operário agrícola na fazenda de um colono francês, cujo capataz maltratava os empregados, ameaçando-os com um chicote para que trabalhassem sem parar e, o pior, nunca lhes pagava o que devia. Os trabalhadores, comandados pelo marido desta mulher, acabaram por se revoltar contra o capataz, mas, como este tinha armas, dominou-os facilmente e expulsou o chefe da rebelião, que foi trabalhar em outra fazenda, mas as animosidades entre os dois continuaram e terminaram em um duelo no qual o capataz foi morto. O homem, então, foi obrigado a fugir e se esconder nas montanhas. A mulher nunca mais o viu, mas os mascates sempre lhe contavam suas façanhas. Ele se tinha tornado um bandido, mas “um bandido de honra”. Com seu bando, roubava nas fazendas para dar aos miseráveis que morriam de fome. E a avó conclui: “O bandido, meu marido, tinha combatido no caminho do bem. Seu avô não era um assassino. Apenas um bandido de honra”.²⁷ Como se vê, na perspectiva da mulher, o marido fora um homem de bem, porque lutou contra o colonizador que maltratava seu povo. O mesmo não podia dizer do seu filho, o pai do rapaz, que traía seus irmãos argelinos, ao aliar-se ao exército francês. Aí estava o motivo do seu silêncio sobre a guerra da independência: “O silêncio de seu pai é o silêncio da vergonha.”²⁸ – diz a velha.

Ao longo do seu relato sobre o filho, a mulher se reporta à primeira grande manifestação contra o colonialismo na Argélia, que ocorreu na cidade de Setif, em 8 de maio de 1945, data da assinatura do armistício da Segunda Guerra. Esta manifestação, que foi fortemente reprimida pela polícia francesa, causando a morte de um grande número de civis, deu origem aos movimentos que levaram à guerra pela independência do país. Evidentemente,

²⁷ *Ibid.*, pp. 136-137: “Le bandit, mon mari, avait combattu, dans le chemin du bien. Ton grand-père n’était pas un assassin. Seulement un bandit d’honneur.”

²⁸ *Ibid.*, p. 134: “Le silence de ton père, c’est le silence de la honte.”

na narrativa da velha, o que vem à tona é o vivido, ou seja, como a população argelina vivenciou este acontecimento:

Ouvia-se falar de massacres aqui no país, soldados do exército francês, os que diziam ter libertado a França, esses mesmos atiraram nos seus irmãos em Setif e na região. Na aldeia, soubemos pelos mascates o que os franceses tentavam esconder. Alguns não acreditaram, outros foram até Setif, eles tinham família por lá, eles disseram que as histórias dos mascates não eram histórias. Mata-ram homens desarmados, mulheres, crianças. Prenderam colegiais (...).²⁹

Pelo relato da avó, o leitor também pode perceber o ódio que os combatentes da guerra pela independência nutriam pelos compatriotas que pertenciam ao exército francês, os *harkis*, como eram chamados. Foi justamente um combatente que veio até a casa da velha contar que seu filho era um destes traidores e, por isto, caso fosse encontrado, seria morto. Este fato nos remete ao massacre dos *harkis*, ocorrido logo depois da independência do país, em 1962. Os números não são exatos, mas alguns relatórios chegam a falar em 100.000 vítimas.³⁰ Para escapar das perseguições, muitos *harkis* buscaram repatriamento na França, onde vivem até hoje, apesar de nunca terem sido assimilados pela sociedade da metrópole. Os que permaneceram na Argélia e se salvaram do massacre jamais foram perdoados por seus compatriotas. A história dos *harkis*, tanto para os franceses como para os argelinos, nunca veio à tona, é uma memória recalcada, envolta em total silêncio. A novela em questão rompe de certa forma este silêncio, ao desvelar o desprezo dos argelinos por estes compatriotas que colaboraram com o inimigo. Segundo o relato da velha, o filho nunca mais fora à aldeia natal: “ele tem medo do silêncio, do olhar desviado, dos passos que não param mais para lhe dar as boas-vindas...”.³¹ Ao terminar sua narrativa, a avó entrega ao rapaz um tapete de preces, recita com ele a primeira surata do Alcorão e lhe dá sua bênção.

²⁹ *Ibid.*, p. 135: “On entendait parler de massacres au pays même, des soldats de l’armée française, ceux qui disaient qu’ils avaient libéré la France, ceux-là ont tiré sur les frères à Sétif et dans la région. Au village, on a appris par les colporteurs ce que les Français cherchaient à cacher. Certains ne l’ont pas cru, d’autres sont allés jusqu’à Sétif, ils avaient de la famille là-bas, ils ont dit que les histoires des colporteurs n’étaient pas des histoires. On a tué des hommes désarmés, des femmes, des enfants. On a emprisonné des écoliers...”

³⁰ Cf. Benjamin Stora, *La gangrène et l’oubli: la mémoire de la guerre d’Algérie*, Paris, La Découverte, 1991, pp. 200-202.

³¹ Leïla Sebbar, “L’Enfer”, *op. cit.*, p. 139: “(...) il a peur du silence, du regard détourné, des pas qui ne s’arrêtent plus pour le salut de la bienvenue (...)”

Neste momento, a narrativa de terceira pessoa remete o leitor para início do texto, retomando, então, a história do rapaz, que caminha por uma rua da cidade, carregando uma bolsa das lojas Tati, dentro da qual, enrolada no tapete de preces, esconde uma arma de grosso calibre. Este detalhe indica que a história de violência que marca esta família há várias gerações está prestes a se repetir.

Este jovem se prepara para cumprir sua primeira missão como militante de um grupo fundamentalista islâmico: matar um alto funcionário e seu filho. Trata-se de um rito de passagem, uma prova perigosa, que pode levá-lo à morte. Mas o rapaz não tem medo porque, segundo o que lhe explicaram seus treinadores, se sua missão for vitoriosa, será admitido no comando de elite e, se morrer, será um mártir da causa de Deus e irá para o paraíso. Esta novela de Leïla Sebbar dá justamente visibilidade ao treinamento a que são submetidos os jovens para a militância nestes grupos armados e desvela as estratégias discursivas utilizadas para convencê-los de que esta é a vontade de Deus:

Explicaram-lhe que o dinheiro desviado pelos ladrões (...) eles o distribuirão aos pobres, aos velhos miseráveis, às mulheres sós e desamparadas... A caridade que Deus determina, eles a farão com o dinheiro dos ladrões... Esses crápulas não têm o direito de viver, são ímpios, descrentes, adoram ídolos, Deus não ama os idólatras... A sopa do ramadã, os pobres a tomarão durante todo o ano, servida pelas irmãs muçulmanas, jovens e velhas dedicadas, obedientes, submissas a Deus e aos que comandam na terra em nome de Deus... Ele ouviu as mensagens, aceitou a missão (...). Ele tem certeza de que irá para o paraíso (...). Ele combate no caminho de Deus.³²

A citação acima mostra que a religião é usada pelos chefes destes grupos armados como instância legitimadora do poder que se outorgam, enquanto representantes de Deus na terra, para convencer os jovens a militar por sua causa. Tal estratégia nos permite entender um pouco melhor estes ataques suicidas, praticados por militantes de organizações fundamentalistas islâmicas,

³² *Ibid.*, pp. 142-143: “On lui a expliqué que l’argent détourné par les rapaces (...), ils le distribueront aux pauvres, aux vieillards miséreux, aux femmes seules et démunies... La charité que Dieu commande, ils la feront avec l’argent des voleurs... Ces crapules n’ont pas le droit de vivre, ils sont impies, mécréants, ils adorent les idoles, Dieu n’aime pas les idolâtres... La soupe du ramadan, toute l’année les pauvres la mangeront, servie par des soeurs musulmanes, jeunes et vieilles dévouées, obéissantes, soumises à Dieu et à ceux qui commandent sur terre au nom de Dieu... Il a entendu les messages, il a accepté la mission (...). Il ira au paradis, il en est sûr. (...) Il combat dans le chemin de Dieu.”

como a Al-Qaeda, de Bin Laden, a Jihad Islâmica na Palestina e outras. Na verdade, estes suicidas acreditam ser esta a vontade de Deus e que, morrendo como mártires, irão direto para o paraíso.

Na novela “L’Enfer”, o personagem não alcança seu objetivo, porque age precipitadamente e mata as pessoas erradas. Ao se dar conta do seu erro, compreende que não merece mais o paraíso e que certamente será morto pelo seu comando. Decide, então, procurar a viúva do homem assassinado para pedir o seu perdão. Mas isto não significa que renegue a missão que lhe tinham dado. Para ele, seu crime foi ter-se enganado de vítima: “Eu queria ser um mártir e sou um criminoso. Eu queria ser um emir a serviço de Deus e estou entregue a Satã”.³³

A ficção termina com seu assassinato na porta da casa da avó, ao lado de quem decidira passar o resto de sua vida, lendo o Alcorão. Assim, ao narrar a saga de uma família argelina que há quatro gerações vivencia uma guerra após a outra, a novela “L’Enfer” põe em cena esta cultura de guerra, tão presente no imaginário deste povo e, com isto, permite ao leitor interrogar o silêncio que envolve não apenas este conflito da década de noventa, mas toda a história recente da Argélia, marcada por guerras e violências.

A ficção de Latifa Ben Mansour: imagens do terror na Argélia dos anos noventa

Se as duas novelas de Leïla Sebbar representam a “guerra invisível” dos anos noventa, através das vivências de diferentes personagens implicados direta ou indiretamente neste conflito, o romance *L’Année de l’éclipse*,³⁴ de Latifa Ben Mansour, publicado em 2001, recria esta guerra a partir da perspectiva de uma de suas vítimas. Trata-se da personagem Hayba, uma médica argelina, cujos marido e filha foram assassinados, com requintes de barbárie, supostamente por fundamentalistas islâmicos que, não satisfeitos, ainda a estupraram. É de Paris, onde se exila, depois da tragédia, que Hayba rememora sua vida ao lado do esposo, Abd el-Wahab, e a luta dos dois para sobreviverem numa Argélia devastada pelo terror. Trata-se de uma memória fragmentada, composta de lembranças esparsas, revividas durante o sono ou em forma de *flash-back*, que vão pondo a nu as “zonas de sombra” que envolvem a

³³ *Ibid.*, p. 145: “Je voulais être un martyr, je suis un criminel. Je voulais être un émir au service de Dieu, je suis livré à Satan.”

³⁴ Latifa Ben Mansour, *L’Année de l’éclipse*, Paris, Calmann-Lévy, 2001.

memória oficial e a própria memória coletiva no que concerne a esta década de terrorismo na Argélia.

Através das lembranças da personagem, o leitor se dá conta da extrema violência vivenciada pela população argelina no seu dia-a-dia. Além das ameaças, dos assassinatos e dos discursos proferidos nas mesquitas e transmitidos por alto-falantes possantes, incitando os fiéis a combater, até mesmo com o sacrifício da própria vida, os ocidentalizados, os leigos e os ateus, para ajudarem a criar “a Terra santa da Argélia”, há também a violência velada das estratégias de aliciamento de pessoas carentes por associações de caridade ligadas a organizações fundamentalistas, financiadas por países estrangeiros. Assim, Hayba recorda como agiam seus representantes no hospital de Oran, onde ela e o marido trabalhavam:

Em seus uniformes, desembarcavam no hospital para visitar os doentes e ajudá-los nessa provação. Eles chegavam com cestos de guloseimas no fundo dos quais se encontravam prospectos, brochuras, *hadiths* falsificados e Alcorões oferecidos pela Arábia Saudita e pelo Irã.

Nas sextas-feiras em que estavam de plantão, Hayba e Abd el-Wahab os viam tecer sua teia de aranha. Esses homens e mulheres da Caridade chegavam logo pela manhã, se infiltravam nos quartos dos doentes, os lavavam, lhes ofereciam presentes, limpavam as crianças, vestiam-nas e ficavam horas a lhes poluir o cérebro.³⁵

Como se pode perceber na citação acima, as estratégias e as máscaras usadas pelos fundamentalistas podem ser muitas. O romance de Ben Mansour desmistifica justamente esta imagem estereotipada que comumente lhes é atribuída, a de homens barbados e de mulheres totalmente cobertas por um véu negro:

Que ingenuidade pensar que eles usam barbas, lâminas e túnicas! A maioria maneja a retórica ou manipula os computadores tão bem quanto o punhal.

³⁵ *Ibid.*, pp. 119-120: “Dans leurs uniformes, ils débarquaient à l’hôpital pour rendre visite aux malades et les soutenir dans l’épreuve. Ils arrivaient avec des couffins de gourmandises au fond desquels se trouvaient des prospectus, des brochures, des hadiths falsifiés et des Corans offerts par l’Arabie saoudite et l’Iran. Les vendredis où ils étaient de garde, Hayba et Abd el-Wahab les voyaient tisser leur toile d’araignée. Ces hommes et ces femmes de la Charité arrivaient au petit matin, se glissaient vers les chambres des malades, les lavaient, leur offraient des présents, nettoyaient les enfants, les habillaient et restaient des heures à leur polluer le cerveau.” Na tradição muçulmana, os *hadiths* são palavras, gestos e atitudes atribuídas ao profeta Maomé, recolhidas e transmitidas por seus discípulos e seguidores.

Ocupar cargos estratégicos dentro do Estado e de instâncias internacionais não os impede de avançar como a morte, mascarados e obstinados.³⁶

No romance, alguns deles aparecem, inclusive, usando jeans americanos. É assim, por exemplo, que uma amiga de Hayba descreve os jovens que assassinaram um de seus colegas de trabalho: “(...) Badra tinha assistido ao assassinato de um de seus colegas, morto com duas balas diante de seus olhos por jovens usando blue-jeans e tênis americanos”.³⁷

Na verdade, além de dar visibilidade às violências praticadas pelos fundamentalistas, este romance desvela outros interesses que estariam por trás desta guerra pelo poder entre o governo militar e os grupos fundamentalistas. Não suportando mais o clima de violência em Oran e o descaso das autoridades, Hayba e o marido decidem deixar a cidade para ir trabalhar em um hospital de ponta, recém-inaugurado em Ouargla, um oásis ao sul do país. Ao serem informados, os parentes tentam dissuadi-los, explicando-lhes tratar-se de uma região muito perigosa e dominada por mafiosos que controlam o tráfico do gás e do petróleo:

- Vocês vão se encontrar com tudo o que o mundo possui como mafiosos, do menor cafetão ao maior traficante. O gás e o petróleo não estão longe, os dólares e os yankees também não. É um território nas mãos de alguns responsáveis suspeitos e de seus homens de confiança. Vocês estão realmente loucos!
- (...)
- Oh, tia! Você não estará na Argélia, mas no sultanato dos homens mais implacáveis de terno e gravata que escondem, sob o paletó, um colete à prova de balas e uma pistola.
- (...) Eles estão dispostos a destruir o país por seus interesses.
- (...)
- Tia! Tia! Mudem de idéia (...). Vocês vão direto para o centro do ciclone. (...)

³⁶ *Ibid.*, p. 11: “Quelle naïveté de croire qu’ils portent barbes, claquettes et gandouras! La plupart manient la rhétorique ou manipulent les ordinateurs aussi bien que le couteau. Occuper des postes stratégiques au sein de l’État ou des instances internationales ne les empêche pas d’avancer comme la mort, masqués et figés.”

³⁷ *Ibid.*, p. 92: “(...) Badra avait assisté à l’assassinat d’un de ses collègues, abattu sous ses yeux de deux balles par des jeunes vêtus de blue-jeans et de baskets américaines.”

- Mas nós não vamos fazer nenhuma investigação, nós vamos trabalhar, articulou Hayba com uma voz firme.
- Basta que vocês coloquem o pé, mesmo sem querer, no formigueiro para que eles os matem sem piedade, e farão com que a culpa recaia sobre os fundamentalistas!³⁸

Nesta citação, há uma clara referência aos interesses políticos e financeiros de grandes sociedades internacionais que se escondem atrás da barbárie fundamentalista, fato que, segundo o historiador Benjamin Stora, seria mais um aspecto da invisibilidade desta guerra: “por trás das lutas de poder, desafios econômicos e as vontades das grandes sociedades petrolíferas e de gás.”³⁹

Logo, Hayba e o marido se darão conta de que as suspeitas e os temores da família não eram infundados. Já no vôo para Ouargla, ficam surpresos com o número de americanos, a maioria do Texas. E, na primeira entrevista com o diretor do hospital, Benboulahès, Hayba intui imediatamente estar diante de um homem perigoso e que teria sido nomeado para este posto por razões obscuras:

Sua atitude ‘sabe com quem está falando’, suas roupas por demais chamativas desagradavam a Hayba. Ele se gabava de ter sido nomeado diretor geral do hospital por decreto presidencial, senhores e senhoras. Sua filha estudava nos ‘States’ e estava, por assim dizer, noiva do filho de um senador americano. E ele próprio, aliás, tinha passado vários anos nesse país ‘magnífico’. (...) Hayba pressentiu logo que aquele homem não era apenas um trapaceiro, mas igualmente muito perigoso. Intuitivamente, ela se dizia que se ele tinha sido nomeado para aquele cargo, era por razões obscuras. Os campos de petróleo não

³⁸ *Ibid.*, pp. 162-164: “– Vous allez vous trouver avec tout ce que le monde possède comme mafiosi, du plus petit maquereau au plus grand trafiquant. Le gaz et le pétrole ne sont pas loin, les dollars et les Yankees non plus. C’est un territoire entre les mains de quelques responsables véreux et leurs hommes de main. Vous êtes vraiment fous! (...) – Oh, tata! Tu ne seras pas en Algérie, mais dans le sultanat des hommes les plus implacables en complet-veston, et sous leur veste, il y a un gilet pare-balles et un colt. (...) – (...) Ils sont prêts à raser le pays pour leurs intérêts. (...) – Tata! Tata! Changez d’avis (...). Vous allez droit dans l’oeil du cyclone. (...) – Mais nous n’allons faire aucune investigation, nous allons travailler, articula Hayba d’une voix ferme. – Il suffit que vous mettiez le pied même à votre insu dans la fourmillère pour qu’ils vous descendent sans état d’âme, et ils feront porter le chapeau aux intégristes!”

³⁹ Benjamin Stora, *La guerre invisible, op. cit.*, p. 13: “Derrière des luttes de pouvoir, des enjeux économiques, et les volontés des grandes sociétés pétrolières, gazières.”

estavam longe e o Saara era também uma gigantesca fronteira por onde tudo passa⁴⁰.

Estas impressões negativas de Hayba sobre Benboulahès são confirmadas pelos amigos que os recebem na cidade. Mas, Hayba e o marido acreditam poder superar as possíveis dificuldades e fazer um bom trabalho. Além disto, a região os encanta. Mas logo percebem que o hospital estava sob o domínio do diretor e de sua tribo. Não havia respeito pelos doentes nem pelos médicos. A revolta de Hayba e Abd el-Wahab é imensa, e os atritos com Benboulahès são constantes.

Paralelamente, Hayba começa a receber, em casa, telefonemas anônimos obscenos, sempre na ausência do marido. Depois de uma forte discussão com o diretor, ela tem quase certeza de que é ele quem faz estas ligações, pois era o único a saber quando Abd el-Wahab estava no hospital. A partir daí, as ameaças são cada vez mais freqüentes até que chega o dia fatal. A cena da tragédia é contada com detalhes pela própria Hayba que, depois de meses de terapia com um psicanalista em Paris, consegue finalmente romper seu silêncio:

– Naquele dia, Abd el-Wahab tinha saído ao amanhecer para operar um jovem órfão deficiente. Era uma sexta-feira 13 de novembro e nunca mais o revivo. Sua cabeça me foi enviada em um cesto. Bateram à porta às treze horas em ponto. Fiquei um pouco surpresa, porque só estava esperando Abd el-Wahab e ele tinha as chaves da casa. Pelo olho mágico, vi o filho do vizinho carregando um cesto. Sem desconfiar de nada, tive a infelicidade de abrir a porta. Atrás do adolescente se escondiam homens encapuçados. Eles forçaram a porta que eu tentava fechar de novo e me obrigaram a abrir o cesto que continha a cabeça de Abd el-Wahab. Tinham-lhe furado os olhos e cortado o rosto. Eles devem tê-lo feito enquanto ele ainda estava vivo. Mas ainda não era o fim do horror. No momento em que o muezim proclamava a grandeza e o poder de Alá, eles começaram a torturar e violar minha filha diante dos meus

⁴⁰ Latifa Ben Mansour, *L'Année de l'éclipse*, op. cit., pp. 168-169: "Son attitude 'm'as-tu vu' et ses vêtements trop clinquants déplaisaient à Hayba. Il se vantait d'avoir été nommé directeur général de l'hôpital par décret présidentiel, messieurs, dames. Sa fille faisait ses études aux 'States' et était soi-disant fiancée avec le fils d'un sénateur américain. Lui-même avait d'ailleurs passé de très nombreuses années dans ce pays 'magnifique'. (...) Hayba eut bientôt le sentiment que cet homme-là n'était pas seulement fourbe, mais qu'il était également très dangereux. Intuitivement, elle se disait que s'il avait été nommé à ce poste-là, c'était pour des raisons obscures. Les champs de pétrole n'étaient pas loin, et le Sahara était aussi une gigantesque frontière-passeiro."

olhos. Atrás de uma máscara, reconheci Benboulahès. Era ele que dava as ordens gritando em inglês. Em seguida, se ocuparam de mim. Quanto ao nosso vigia, este foi cortado em pedaços. Seus intestinos estavam pendurados nos galhos das oliveiras do jardim.⁴¹

Na descrição desta cena, ao lado dos detalhes que provocam a emoção do leitor, como a reincidência do número treze, anunciando a barbárie dos algozes, há a suspeita de que o mandante do crime seja o próprio diretor do hospital. Além disto, a referência ao fato de ele dar as ordens em inglês levanta a hipótese de que estes homens poderiam estar a serviço de alguma máfia estrangeira. Por outro lado, a sua forma de agir com requintes de crueldade leva a outra interpretação, pois remete o leitor a uma passagem anterior do romance, onde um amigo de Hayba comenta a respeito de um novo grupo fundamentalista que teria surgido há pouco tempo, os “Enfurecidos de Alá” (*Courroucés d’Allah*): “Homens que raspam as sobancelhas, cortam a primeira falange do dedo indicador direito e demonstram uma incrível crueldade, sobretudo para com as mulheres”.⁴²

As especulações sobre a tragédia vivida por Hayba são um exemplo do caráter polifônico do gênero romanesco que permite que se diga uma coisa e seu contrário e que se ponham em dúvida algumas certezas absolutas, como a de que estes atos terroristas cometidos na Argélia (e no mundo) seriam de autoria exclusiva de grupos fundamentalistas islâmicos.

⁴¹ *Ibid.*, pp. 197-198: “ – Ce jour-là, Abd el-Wahab était parti aux aurores pour opérer ce jeune orphelin handicapé. C’était un vendredi 13 novembre, et je ne le revis plus vivant. Sa tête me fut envoyée dans un couffin. On sonna à la porte à treize heures précises. Je fus un peu étonnée, car je n’attendais que Abd el-Wahab et il avait les clés de la maison. Par l’oeil de boeuf, je vis le fils des voisins qui tenait un couffin. Sans me méfier, j’eus le malheur d’ouvrir la porte. Derrière l’adolescent se cachaient des hommes cagoulés. Ils forcèrent la porte que j’essayais de refermer et m’obligèrent à ouvrir le couffin qui contenait la tête de Abd el-Wahab. On lui avait crevé les yeux et tailladé le visage. Ils avaient dû le faire pendant qu’il était encore vivant. Ce n’était pourtant pas la fin de l’horreur. Au moment où le muezzin proclamait la grandeur et la puissance d’Allah, ils commencèrent à torturer et à violer ma fille sous mes yeux. Derrière un masque, je reconnus Benboulahès. C’était lui qui donnait les ordres en hurlant en anglais. Ensuite, ils s’occupèrent de moi. Quant à notre gardien, il fut découpé en morceaux. Ses intestins pendaient sur les branches des oliviers du jardin.”

⁴² *Ibid.*, p. 111: “Des hommes qui se rasent les sourcils, se coupent la première phalange de l’index droit, et font preuve d’une cruauté inouïe envers les femmes.” Este grupo representaria, na ficção, um dos inúmeros comandos fundamentalistas armados que foram surgindo no país ao longo desta década e que eram designados comumente pela população como os “fous d’Allah.”

Aliás, na ficção de Ben Mansour, a incerteza perpassa toda a intriga e, no final, rompendo os limites do verossímil, ela se impõe definitivamente. Hayba, que estava grávida quando aconteceu a tragédia, dá a luz um casal de gêmeos, em uma maternidade de Paris, no exato momento do eclipse total do sol, tão anunciado naquele ano e que, segundo alguns intérpretes de Nostradamus, prenunciava o fim do mundo. O nascimento destas crianças poderia ser lido, então, como o início de um novo tempo para Hayba e, quem sabe, para a Argélia. Mas, ao examinar os filhos, ela descobre que lhes falta a primeira falange do indicador direito, marca dos “Enfurecidos de Alá”.

Com este final surpreendente, que transcende o real imediato, a ficção parece recolocar em dúvida a possibilidade de renascimento para os argelinos, que já vêm ao mundo carregando a marca da maldição. Desta forma, o romance de Ben Mansour também reitera esta imagem de uma cultura fadada às guerras e à violência, tão presente na memória coletiva do argelino.

Considerações finais

As representações desta “guerra invisível” nos textos literários de Leïla Sebbar e Latifa Ben Mansour se compõem, como se viu, de fragmentos de lembranças, de imagens dispersas, recriadas pela imaginação e traduzidas no espaço de uma narrativa híbrida, que se constitui no “entre-lugar” de construção de memórias comum aos exilados. A memória construída pelas narrativas destas escritoras é a expressão de um tempo de dor, de sofrimento, de solidão e, sobretudo, de horror, tempo vivenciado pela sociedade argelina durante a década de noventa, mas ocultado e silenciado pela memória oficial. Ao romper a invisibilidade desta guerra, estes textos sugerem pistas importantes para a escrita deste tempo histórico, pistas que só o processo da leitura permite descobrir.

Para Paul Ricoeur, é através dos efeitos da leitura que a ficção realiza sua função positiva de revelação e transformação da vida, ou seja, é por conta da mediação que a leitura opera entre o mundo fictício do texto e o mundo efetivo do leitor que “a literatura retorna à vida, isto é, ao campo prático e pático da existência”.⁴³

Foi justamente a mediação efetuada pela leitura dos textos ficcionais de Leïla Sebbar e Latifa Ben Mansour que me permitiu identificar alguns

⁴³ Cf. Paul Ricoeur, *Temps et récit*, v. 3: Le temps raconté, Paris, Seuil, 1985, p. 184.

aspectos da trágica realidade argelina dos anos noventa, incorporados à experiência temporal dos personagens. E, interrogando os silêncios revelados e transformados pela ficção, pude também perceber como os argelinos viveram e sentiram esta e outras guerras que marcaram a história do seu país e como estas experiências foram incorporadas pelo imaginário coletivo.

É indiscutível o aporte do texto literário para a reconstrução de um tempo histórico vivido, sobretudo quando se trata de um tempo que a memória oficial insiste em ocultar. No entanto, o historiador não pode prescindir do cotejo com outros tipos de fontes, pois só através dele poderá verificar a autenticidade dos dados e a verossimilhança das pistas reveladas pela ficção, procedimento indispensável na construção do conhecimento histórico. Mas, evidentemente, no espaço de um artigo, não seria possível estabelecer um cotejo efetivo com fontes diversas.

Assim sendo, para desenvolver minha proposta de leitura das narrativas literárias de Leïla Sebbar e Latifa Ben Mansour como espaço de representação e construção da memória de uma “guerra invisível”, privilegiei apenas o diálogo com alguns discursos não-literários, sobretudo com o texto do historiador Benjamin Stora.

Foi justamente a reflexão de Stora sobre esta “guerra invisível” que me instigou a realizar este estudo, ao longo do qual acredito ter conseguido demonstrar que, ao expressar a tragédia vivida pelos argelinos na década de 1990, os textos literários aqui analisados inscrevem este conflito na ordem do existente, do possível, do crível, dando-lhe, portanto, uma certa visibilidade. E, por conta disto, constituem-se em uma fonte valiosa para a escrita da história recente da Argélia.